

O paratleta na mídia: um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

The parathlete in the media: a study of Esporte Espetacular coverage during Rio Paralympic Games

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



ROGÉRIO EDUARDO RODRIGUES BAZI¹

LARISSA BATAJELO²

RESUMO

Apesar das últimas conquistas em várias competições a visão do paratletismo com a mídia ainda é marcada pela emoção e superação do paratleta e, no esporte, essa relação se fecunda com êxito por meio do uso do infotenimento. Assim, o artigo analisa as abordagens realizadas com os paratletas durante as *Paralimpíadas do Rio de Janeiro*, no programa esportivo *Esporte Espetacular*, da *Rede Globo de Televisão*, nos dias 11 e 18 de setembro de 2016. Observou-se que todas as reportagens analisadas se beneficiaram de momentos para causar comoção e atrair o interesse do público.

PALAVRAS-CHAVE

Paralimpíadas. Paratleta. Jornalismo. Infotenimento.

ABSTRACT

Despite the latest achievements in various competitions, the view of parathetism with the media is still marked by the emotion and overcoming of the paratlete, and in sport, this relationship is fruitful with success through the use of infotenimento. Thus, the article analyzes the approaches taken with the paratroopers during the *Paralympics of Rio de Janeiro*, in the sports program *Esporte Espetacular*, *Rede Globo*, on september 11 and 18, 2016. It was observed that all the reports analyzed were have benefited from moments to attract the commotion and interest of the public.

KEYWORDS

Paralympics. Parathlete. Journalism. Infotenimento.

Recebido em: 21/12/2017. Aceito em: 25/05/2018.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero (FCL). Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor titular da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. E-mail: bazi@puc-campinas.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1751762622735503>.

² Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: batajelo@hotmail.com.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, o paratletismo brasileiro consolida-se no cenário das competições oficiais. O Brasil é o primeiro colocado nas três últimas edições dos Jogos Parapan-Americanos, desde 2007, nos jogos do Rio de Janeiro. Em 2011, o país permaneceu no primeiro lugar geral na competição de Guadalajara, no México. No Parapan de Toronto, no Canadá, em 2015, o Brasil não só repetiu esse feito, como também conquistou mais de 100 medalhas de ouro. Nas Paralimpíadas a história se repete, os atletas brasileiros vêm conquistando cada vez mais medalhas e pularam do nono lugar no quadro geral de medalhas em Pequim (China), nos jogos de 2008, para o sétimo lugar, em 2012, nas Paralimpíadas de Londres, na Inglaterra.

Desde 2011 a competição, antes denominada de Paraolimpíadas, é chamada de Jogos Paralímpicos ou Paralimpíadas. A mudança na ortografia, que resultou na perda do 'o', veio como uma determinação do Comitê Internacional Paralímpico para que o termo fosse padronizado em todo o mundo. O Comitê Paralímpico Brasileiro, por sua vez, acatou a decisão e mudou a terminologia desde então.

Apesar das últimas conquistas, o relacionamento do paratletismo com a mídia é conturbado. De acordo com Crespo (2000, p. 6), "a mídia reflete uma imagem tão imprecisa e incompleta – das pessoas com deficiência –, que torna impossível reconhecer-se nela."

Por outro lado, a relação entre a mídia e o esporte se revela cada vez mais harmônica quando a primeira utiliza-se da conjunção entre a informação e o entretenimento, ou seja, o infotenimento, o que, de acordo com Dejavite (2006), ocorre com bastante êxito no cenário do jornalismo esportivo. Barbeiro e Rangel (2006), por sua vez, explicam que em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estiveram tão próximos.

Para Dejavite (2006, p. 43), o entretenimento é visto como uma válvula de escape pelos espectadores e funciona positiva e negativamente. "No primeiro caso, quando é estimulado pela narrativa da mídia, orienta o imaginário, ao incentivar maior criatividade individual. No segundo, funciona como um apelo comercial na busca de maior audiência."

Imbuído, portanto, de tais perspectivas, o presente artigo debruça-se em expor de modo descritivo quais foram os recursos utilizados nas reportagens realizadas com os paratletas durante as Paralimpíadas do Rio 2016 (Rio de Janeiro) que aproximam o jornalismo do entretenimento. Para tanto, analisaram-se quatro reportagens do programa esportivo Esporte Espetacular, da Rede Globo de Televisão, nos dias 11 e 18 de setembro de 2016, duas em cada edição. Salienta-se que o programa nesses dias exibiu 15 reportagens sobre as Paralimpíadas, mas, por restrição textual, quatro foram analisadas. Utilizou-se como critério aquelas de mais abrangência nacional. As competições paralímpicas do Rio 2016 ocorreram de 7 a 18 de setembro. A análise do estudo foi possível a partir da gravação dos dois programas do Esporte Espetacular, com a decupagem das reportagens e posterior interpretação.

Antes mesmo do início das competições, a Rede Globo anunciou que faria a maior cobertura de uma Paralimpíada durante as competições no Rio de Janeiro, e que a abordagem jornalística não ficaria restrita apenas às áreas de esporte e dos paratletas, mas também do infotainment.

É importante registrar que os Jogos Paralímpicos têm conquistado relevância exponencial atualmente no mundo. O desempenho da seleção paralímpica brasileira, por exemplo, nos Jogos Parapan-Americanos de 2015, em Toronto, no Canadá, pode ser considerado histórico. O país garantiu o primeiro lugar no quadro geral de medalhas, na frente de grandes potências mundiais, como os Estados Unidos e o próprio país sede, Canadá. Durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, a delegação brasileira conquistou apenas o oitavo lugar na classificação geral, três posições abaixo da expectativa, o quinto lugar, que ficou com a Austrália. Mesmo caindo uma colocação em comparação aos jogos de Londres, o Brasil atingiu um novo recorde de medalhas conquistadas, foram 72, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO E DO INFOTENIMENTO

O esporte paralímpico chegou ao Brasil após duas pessoas retornarem dos Estados Unidos, onde foram buscar terapias para reabilitação de suas lesões na medula. No dia primeiro de abril de 1958, Robson Sampaio de Almeida criou o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro. No dia 28 de julho do mesmo ano, Sérgio

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

Seraphin Del Grande criou o Clube dos Paraplégicos, em São Paulo. A data, de acordo com Mello e Winckler (2012), foi escolhida como uma homenagem aos Jogos de Stoke Mandeville. Ainda segundo os autores, cariocas e paulistas disputaram uma série de três jogos de basquete em cadeira de rodas que terminou com o placar de duas vitórias e uma derrota para o time do Rio de Janeiro.

A primeira participação brasileira nas *Paralimpíadas* foi em 1972, na Alemanha, com a participação de dez atletas nas modalidades de basquete em cadeira de rodas, natação, atletismo e tiro com arco, porém, a primeira medalha veio só em 1976, nos jogos do Canadá.

A Delegação Brasileira nos Jogos de 1976, em Toronto, foi composta por 23 atletas com deficiência física, e o país teve as suas duas primeiras representantes no feminino. [...] A representação brasileira conquistou a sua primeira medalha paralímpica de prata na *Lawn Bowls*, na categoria de duplas com Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos de Costa. (MELLO; WINCKLER, 2012, p. 6).

146 |

Em agosto de 1975, surgiu a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais – ANDE, a atual Associação Nacional de Desporto de Deficientes, após exigência da Federação dos *Jogos Internacionais de StokeMandeville* (ISMGF). Até então, os clubes carioca e paulista agiam separadamente e a delegação brasileira era composta apenas por atletas em cadeira de rodas. Nos jogos de 1984, realizado tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, houve a inserção de atletas como outros tipos de deficiência, como visual, amputados e paralisados cerebrais (MARQUES, 2013).

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) foi fundado apenas 20 anos depois, em 1995. Segundo Mello e Winckler (2012), a fundação do CPB é um dos marcos do esporte paralímpico no país, não só pela evolução nos resultados a partir de 1996, mas também pela difusão do esporte para pessoas com deficiência. Os *Jogos Paralímpicos de Atlanta*, nos Estados Unidos, em 1996, marcaram o início de um trabalho diferenciado no esporte paralímpico. De acordo com Mello e Winckler (2012), o acompanhamento do CPB não se resumia mais apenas à participação nos jogos, mas também na preparação por meio de suportes científicos e estágios de treinamentos. A mudança ainda não

se refletiu no quadro de medalhas, pois o Brasil conquistou apenas a 37ª colocação, mas, a longo prazo, foi significativa.

De 1996 até 2012, o desempenho do Brasil nas *Paralimpíadas* foi crescendo. O país passou da 37ª posição para o 7º lugar no quadro geral de medalhas e conquistou, em Londres (2012), 21 medalhas, sendo dez de ouro, sete de prata e quatro de bronze (MELLO; WINCKLER, 2012).

Já nos *Jogos Parapan-Americanos*, o Brasil mantém sua hegemonia há três edições seguidas conquistando o primeiro lugar no quadro geral de medalhas. Realizado pela primeira vez em 1999, na Cidade do México, a primeira edição dos *Jogos Parapan-Americanos* contou com 1.200 atletas competindo em quatro modalidades: atletismo, natação, basquete e tênis de mesa. Antes disso, em 1967 aconteceram os *Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos*, no Canadá. Seis países competiram em esportes de cadeiras de rodas e os jogos passaram a ser realizados a cada dois ou quatro anos, até a criação dos *Jogos Parapan-Americanos*. A primeira vez que os jogos foram realizados na mesma cidade sede dos *Jogos Pan-Americanos* foi na edição de 2007, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Brasil conquistou o primeiro lugar no quadro geral de medalhas, permanecendo, em 2011, na competição de Guadalajara, no México. Durante cinco edições dos *Jogos Parapan-Americanos* o Brasil conquistou 1.026 medalhas sendo 445 de ouro, 311 de prata e 270 de bronze, tornando-se o país com mais conquistas, dentre os 23 participantes.

A trajetória do atleta com deficiência no Brasil é de recentes conquistas e superações, todavia, atletas e o próprio Comitê Paralímpico Brasileiro criticam a forma como a mídia realiza as suas coberturas jornalísticas. De acordo com Crespo (2000), a mídia faz com que as pessoas sintam compaixão pelo paratleta, tornando-os símbolos de "superação". Por sua vez, Werneck (2000, p. 233) afirma que os portadores de qualquer deficiência "devem ganhar não a solidariedade, mas o respeito e a confiança da mídia". Segundo Marques et al. (2013), existe um incômodo por parte do CPB com o fato de o esporte paralímpico não ser amplamente divulgado e esse é um dos motivos apontados pelo CPB que faz com que pessoas leigas considerem fácil chegar ao alto rendimento esportivo.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

Segundo os autores, o comitê aponta que o esporte paralímpico brasileiro não possui força o suficiente para criar uma demanda com grande visibilidade e, por isso, precisa do auxílio da mídia. A relação entre o CPB e a mídia é definida por Marques et al. (2013) como colaborativa e organizada, mas ainda pouco aproveitada em muitos casos. Existem dois tipos principais de coberturas midiáticas, de acordo com Marques et al. (2013), a de apelo social, ligada ao sensacionalismo e destacando a necessidade de superação por parte dos atletas e a que se preocupa com os resultados esportivos, apoiando-se no rendimento atlético dos competidores. O preconceito, mesmo que velado, ainda se demonstra presente na escolha dos atletas que irão aparecer na televisão.

Existe uma preferência por parte da mídia internacional, principalmente por meio da televisão, por divulgar modalidades em que os corpos dos atletas são poucos comprometidos em relação à deficiência, por exemplo, as modalidades que utilizam cadeira de rodas. [...] Um dos motivos de certo desinteresse da mídia por algumas modalidades paralímpicas é a presença de corpos desvinculados dos padrões de beleza da sociedade contemporânea. (MARQUES et al., 2013, p. 589-593).

148 |

Segundo Figueiredo (2006), a sociedade contemporânea se diz inclusiva, mas o preconceito para com o deficiente ainda está longe de terminar. Mesmo que de forma discreta, esse preconceito é manifestado nas próprias escolhas da mídia entre qual esporte transmitir e na preferência por modalidades em que os corpos dos atletas são pouco comprometidos pela deficiência. Ainda há muito que avançar nessa relação entre o mundo paralímpico e a mídia, mas esse processo continuará lento enquanto os paratletas são tratados apenas como exemplo de superação das adversidades da deficiência.

Tal visão é manifestada, em muitos casos, na produção de reportagens de televisão junto aos paratletas, quando o infotainment revela-se como uma das formas de se praticar o jornalismo na busca pela audiência.

Para entender essa relação, é preciso abordar o contexto ao qual ela está inserida. O entretenimento, um dos pressupostos mais relevantes na sociedade, pode ser explicado por duas definições, segundo Dejavite (2006). A primeira explica que ele é tudo aquilo que diverte, que distrai e que promove a recreação. Já a segunda está relacionada a "uma narrativa, uma performance ou

qualquer outra experiência que envolva e agrade alguém ou um grupo de pessoas, que traz pontos de vista e perspectivas convencionais e ideológicas.” (DEJAVITE, 2006, p. 41).

A autora também indica as possíveis funções do entretenimento.

Além de estimular a interação social, o entretenimento possui também outras funções. A distração, a evasão e o escapismo são algumas delas. A primeira busca tirar as pessoas de seu estado real para um estágio fora das preocupações e ocupações habituais. Conduz ainda o indivíduo para atividades que preenchem o tempo livre, como o descanso e o alívio das tensões. (DEJAVITE, 2006, p. 42).

A segunda, a evasão, visa ao desenvolvimento psicossocial de acordo com a autora. E pode ser realizada tanto individual, quanto coletivamente, ou seja, trata-se das distrações ou passatempos que a pessoa pode aproveitar em grupo ou sozinha. Já a terceira é a mais relevante de todas as funções, na visão de Dejavite (2006): o escapismo, pelo fato de servir de válvula de escape, que seria aquele processo em que o indivíduo se afasta de situações dominantes e reais de seu cotidiano e se desloca para estados simbólicos e imaginativos.

A autora ainda afirma que, na sociedade contemporânea, a mídia se encontra em um lugar estratégico na promoção dos divertimentos, sendo um dos principais estimuladores de diversão. A ideia de mídia como sinônimo de entretenimento surgiu juntamente com a cultura de massa, no século XIX. Informar-se, segundo a autora, é impulso básico do ser humano e, portanto, toda notícia constitui um desejo primitivo da mente humana (DEJAVITE, 2006).

O termo infotenimento surgiu na década de 1980 e só adquiriu notoriedade dez anos depois, quando passou a ser usado por profissionais e acadêmicos da área. O infotenimento é o jornalismo que traz a informação, a prestação de serviço, mas, ao mesmo tempo, oferece divertimento ao público.

Grosso modo, o jornalismo de INFOtenimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. [...] Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão (DEJAVITE, 2006, p. 72).

Essa aproximação do jornalismo com o entretenimento, e vice versa, fez com que surgissem discussões sobre as diferenças e semelhanças entre

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

informar e entreter. No Infotainment o limite ético que separa o jornalismo do entretenimento não existe. E a preocupação de muitos teóricos e estudiosos da área é que o “jornalismo light”³ se sobreponha ao conteúdo mais sério, mudando o que se conhece por notícia. Segundo Padeiro (2013, p. 31), “para quem fundamenta e incentiva a prática, o infotainment deve seguir os preceitos jornalísticos, de acordo com as necessidades e os valores do público.”

A linha entre a informação e o entretenimento vem se tornando tênue com o passar dos anos e, com isso, segundo Dejavite (2006), a desconfiança acerca do jornalismo de infotainment cresce. A principal preocupação que envolve essa modalidade, segundo a autora, é a existência de uma relação desonesta com os departamentos de marketing das empresas de cultura ou promotora de eventos, como a compra de reportagens.

Portanto, um debate que está presente atualmente no cenário do jornalismo esportivo é a sua aproximação com o entretenimento e de que maneira ele afeta o conteúdo publicado ou transmitido, seja negativa ou positivamente. Padeiro (2013, p. 33-34) diz que o esporte é lazer e isso explica essa relação tão próxima do jornalismo esportivo com o entretenimento. “O próprio esporte em si, em termo de conteúdo para o jornalismo, já é entretenimento. Para o leitor, o telespectador ou o usuário, entretenimento não é antônimo de informação. Para ele, o contrário de informação é aquela notícia que não o atrai.”

O entretenimento está presente desde a escolha das pautas até a finalização das matérias. Está no efeito visual utilizado nos programas, com o mascote *Globolinha*, da *Rede Globo*, na trilha sonora ao fundo de uma matéria sobre um atleta com deficiência que não desiste do esporte, está na escolha dos personagens dessa reportagem e na maneira como o repórter a conduz. O esporte foi transformado em espetáculo e isso fez com que as empresas jornalísticas recorressem para o visual, priorizando o que é curioso.

O esporte acabou se tornando um produto midiático e da cultura de massa, mas a verdade é que tais atitudes das matérias só contribuem com tal visão, além do fato do jornalismo, que deveria ser imparcial e

³ Segundo Dejavite (2006), jornalismo light é a notícia que apenas diverte, que tem humor, que atrai o receptor por ter assuntos mais amenos e não traz nada de novo.

passar credibilidade, ter se tornando algo escasso (IKEDA et al., 2012, p. 4).

Ainda há muito no que avançar nessa discussão entre entretenimento e jornalismo esportivo. Se por um lado alguns autores se mostram pessimistas quanto às mudanças na editoria de esportes, outros apontam que é possível encontrar um equilíbrio entre informar e divertir/emocionar. O pouco espaço para outros esportes, causado pela hegemonia do futebol, a grande paixão nacional, aumenta as barreiras entre esses conceitos, fazendo com que, muitas vezes, a cobertura jornalística se torne superficial e pouco aprofundada. Além disso, a busca incessante pela audiência torna as empresas jornalísticas cada vez mais suscetíveis às novas técnicas e estratégias, que tem como pano de fundo o entretenimento, ao invés da informação. É preciso avançar não apenas nesse debate, mas também nas produções jornalísticas, para começar a enxergar e a utilizar essa parceria do entretenimento com o jornalismo de uma forma benéfica, em que o entretenimento trabalhe em favor da informação e não ao contrário, como vem acontecendo.

3 AS REPORTAGENS ANALISADAS

O *Esporte Espetacular* é o mais antigo programa esportivo da *Rede Globo* no ar. Quando estreou, em 1973, possuía um apelo emocional e exibia eventos esportivos que eram comprados da rede norte-americana *ABC*. De acordo com a *Memória Globo*,⁴ o programa chegou a influenciar a prática de novas modalidades esportivas no país. Nos primeiros anos de exibição, o apresentador usava terno e gravata e se expressava em uma linguagem bastante formal.

Ainda segundo a *Memória Globo* Inspirado no modelo do programa norte-americano *ABC Sports*, a *Globo* colocou no ar, em 1973, o programa semanal *Esporte Espetacular*, com uma proposta editorial que se mantém até hoje com algumas alterações proporcionadas, sobretudo, pela tecnologia: unir jornalismo e entretenimento no noticiário esportivo.

A partir de 4 de setembro de 2016, o *Esporte Espetacular* passou a ser apresentado pela jornalista Fernanda Gentil e o ex-judoca Flávio Canto. Nos

⁴ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

dias atuais, Gentil divide a apresentação com o jornalista Felipe Andreoli. O programa é uma revista eletrônica esportiva semanal que transmite jogos e competições ao vivo, como a Fórmula 1, Stock Car, partidas de voleibol, vôlei de praia, entre outras reportagens com resultados de partidas esportivas, matérias sobre a vida dos atletas e quadros especiais, como o *Mulheres Espetaculares*, exibido durante as *Paralimpíadas* para contar a história de mulheres com deficiência que se tornaram atletas e iriam participar dos jogos do Rio 2016.

O programa abandonou a apresentação formal, com a bancada e a linguagem culta e adotou um formato leve e dinâmico, em que os apresentadores se vestem de maneira casual e 'conversam' com o público, buscando uma maior aproximação com o telespectador.

Todavia, antes de expor a análise dos programas, é importante expor sobre as cerimônias de abertura e encerramento dos *Jogos Paralímpicos* de 2016. Como a *Rede Globo* anunciou que seria realizada a maior cobertura já feita pela emissora, a expectativa era bastante ambiciosa quanto à transmissão ao vivo, mas não foi o que aconteceu. Tanto na abertura quanto encerramento, a *Globo* transmitiu apenas um compacto, algumas horas após as cerimônias. Esses compactos duraram de 50 minutos até uma hora e meia, menos da metade do tempo de duração dos eventos. A atitude da emissora foi amplamente criticada na mídia e já indicou o que ocorreria durante os jogos.

Abaixo, alguns dados do programa do *Esporte Espetacular* dos dias 11 e 18 de setembro de 2016.

QUADRO 1 – DADOS DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR

Data	Tempo de produção	Quantidade de reportagens	Reportagens paralímpicas
11/09/2016	2'47''30'''	23	8
18/09/2016	1'35''31'''	18	7

Fonte: Os autores.

O programa exibido no dia 11 de setembro teve três horas de duração, considerados os intervalos. Foi dividido em cinco blocos de 18 a 33 minutos cada. A única exceção foi o segundo bloco, que exibiu a Corrida do Milhão da Stock Car e durou, portanto, mais de uma hora. Foram exibidas, nesse

programa, entre notas cobertas⁵ e reportagens, 23 vídeos tapes (VTs), além de duas participações ao vivo no estúdio. Desses VTs, apenas oito foram dedicados aos *Jogos Paralímpicos*.

Pela dimensão deste artigo, serão expostos dois deles. Foram excluídas desta análise reportagens e notas que trazem apenas resultados, como a conquista de medalhas brasileiras no dia ou o quadro geral de medalhas, já que se trata apenas de uma divulgação.

Assim, o terceiro bloco do programa inicia-se com a reportagem *Atleta sírio* (duração de 3min 43seg). Nela, contou-se a história de um nadador sírio da delegação paralímpica criada para atletas refugiados. Ibrahim Al Hussein é apresentado como um sobrevivente da guerra Síria, que superou todas as adversidades para competir nos jogos. O atleta teve a perna amputada ao ser atingido por uma bomba para tentar salvar um amigo em 2013 e atualmente vive em um campo de refugiados na Grécia. A escolha de Ibrahim como personagem já revela uma característica dessa aproximação do jornalismo com o entretenimento: a dramatização, ou seja, o uso da emoção para conquistar audiência, segundo Padeiro (2013). O momento em que o atleta sofreu o atentado que resultou na amputação da perna direita é descrito detalhadamente por ele enquanto um vídeo de uma bomba explodindo na guerra da Síria é transmitido, deixando toda a cena emotiva. A imagem abaixo refere-se a esse momento da reportagem.

⁵ Texto jornalístico com a inserção de imagens.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

IMAGEM 1 – RETRATO DO ATENTADO SOFRIDO PELO ATLETA SÍRIO IBRAHIM AL HUSSEIN, EM 2013



Fonte: Reprodução do Esporte Espetacular exibido em 11/09/2016.

154

Durante a reportagem, imagens que remetem à guerra são exibidas. Em uma delas, narrada pelo repórter, um menino de cinco anos é resgatado ensanguentado após um bombardeio em Aleppo, no norte da Síria. As imagens do conflito no país são usadas como recurso para comoção do público, são cenas que causam impacto no telespectador. O recurso sonoro também aparece, tornando a reportagem bastante comovente. Sons de tiros, bombas e gritos são usados para abrir o VT, enquanto uma câmera filma o nadador, em 360 graus. A reportagem tem um tom de superação, mostrando que, apesar de morar em um país em guerra e ser atingido por uma bomba, que o fez amputar a perna, Ibrahim retomou a sua vida, mas não apenas isso, ele se tornou atleta e participa da sua primeira *Paralimpíada*. Por fim, o nadador deixa uma mensagem de esperança e deseja o fim das guerras, além da possibilidade de competir pelo seu próprio país nos próximos *Jogos Paralímpicos*. Portanto:

O drama humano precisa estar presente para que o público possa solidarizar-se ou apreciar aquelas cenas. Estas situações de sensacionalismo e emoção através da imagem, também podem ocorrer nos esportes. [...] Como a exploração da imagem sensacionalista vende e atrai mais audiência, em contrapartida, o jornalismo mais sóbrio e investigativo sobre os fatos fica a esmo, pois não é praticado com frequência. (PADEIRO, 2013, p. 32).

A segunda reportagem sobre o tema estudado é exibida ainda no terceiro bloco. O quadro *Mulheres Espectaculares* traz a história de Jane Karla, uma atleta que superou a paralisia infantil e um câncer para participar dos jogos. Dois esportes paralímpicos são apresentados durante a reportagem: o tiro com arco e o tênis de mesa. A reportagem, que tem duração de 14 minutos e 25 segundos, propõe uma abordagem diferente desses esportes quando a repórter Juliana Sana muda-se para a casa de Jane durante uma semana com o objetivo de acompanhar a rotina de treinos e o dia a dia da atleta para, no fim, participar de um torneio amador de tiro com arco enquanto Jane Karla tentaria se classificar para a copa do mundo do esporte. A narrativa é conduzida em um tom íntimo, com uma grande aproximação da repórter com a atleta entrevistada. É utilizado um recurso sonoro com uma música comovente enquanto Jane conta sobre a sua infância, a descoberta da paralisia infantil e o apoio que teve da mãe.

IMAGEM 2 – IMAGEM RETRATA CONVERSA ÍNTIMA DA ATLETA JANE KARLA COM A REPÓRTER JULIANA SANA



Fonte: Reprodução do Esporte Espectacular exibido em 11/09/2016.

A atleta começou a praticar esportes aos 28 anos, após um longo tratamento de fisioterapia devido a poliomielite, a paralisia infantil, que causou o atrofiamento dos músculos das pernas e faz com que a ela passe metade do dia em uma cadeira de rodas. Jane conquistou dois ouros em *Jogos Parapan-*

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

Americanos com o tênis de mesa, até mesmo enquanto lutava contra um câncer, ao lado da mãe. As duas desenvolveram câncer de mama no mesmo período, mas a mãe da atleta não sobreviveu. Esse momento na vida de Jane é recontado pela repórter mostrando fotos dessa época e utilizando novamente o recurso sonoro com uma música ao fundo.

Em 2014, a atleta trocou o tênis de mesa pelo tiro com arco para continuar perto da família e, em poucos anos de prática, já se tornou uma das melhores do país, competindo até em circuitos para pessoas sem deficiência. Durante a semana morando na casa de Jane, a repórter mostra a intimidade da família, os momentos do dia a dia como lavar a louça ou fazer as unhas no sofá, mas também experimenta os esportes que Jane pratica; além do treinamento para o campeonato amador de tiro com arco, ela tenta também o tênis de mesa. Esses momentos em família deixam o tom da reportagem leve e descontraído, uma das características do entretenimento, segundo Dejavite (2006), o que acaba tirando a sobrecarga da história de vida da atleta Jane Karla.

156 |

IMAGEM 3 – IMAGEM RETRATA UM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO DA ATLETA E O MARIDO JOGANDO TÊNIS DE MESA COM A REPÓRTER



Fonte: Reprodução do Esporte Espetacular exibido em 11/09/2016.

A reportagem termina com a celebração de uma conquista. Jane Karla está classificada para a *Copa do Mundo de Tiro com Arco*. Apesar de ser a única

a competir em uma cadeira de rodas, ela garantiu o segundo lugar na classificação geral feminina do campeonato de que participou. Durante a exibição da competição, uma música de suspense ao fundo imita o som das batidas de um coração. Claramente, o intuito é deixar o telespectador apreensivo. O tom da música muda assim que Jane é anunciada como segunda colocada e passa a ter um clima de vitória. A repórter e o marido da atleta abraçam Jane Karla, que não contém as lágrimas.

Por fim, a atleta aparece sentada na cadeira de rodas, segurando o seu arco e flecha e começa lentamente a se levantar e andar em direção à câmera, enquanto o texto da repórter diz: "Jane vence mais uma vez na vida e nos dá uma lição de superação e força de vontade. Ela nos ensina que problemas, obstáculos e dificuldades não são mais fortes do que a gente. Ela é uma mulher espetacular." O recurso utilizado na gravação e o texto da repórter demonstram outra característica do entretenimento na informação de acordo com Dejavitte (2006): o uso da emoção.

Já o programa exibido no dia 18 de setembro teve duas horas de duração, considerado os intervalos e foi dividido em quatro blocos de 12 a 38 minutos cada. Foram exibidos, nesse programa, 17 vídeos tapes (VTs), além de duas participações ao vivo no estúdio e dois links. Desses VTs, apenas sete foram dedicados aos *Jogos Paralímpicos*. Também por prudência de espaço textual no artigo, serão analisadas duas reportagens.

O programa começa com a reportagem *Fim Paralimpíadas* (duração 2'50") que é exibida antes da apresentação dos apresentadores, logo após a vinheta de abertura do *Esporte Espetacular*. O início da reportagem tem um compacto de imagens dos 11 dias de competições, sem o texto do repórter e utilizando o som ambiente. São imagens de vitórias e grandes marcas conquistadas que, de imediato, já causam um impacto no telespectador. Também é exibido um grande momento da cerimônia de abertura em que o cadeirante americano Aaron Wheelz desce uma rampa passando por dentro de um círculo de fogo. As cenas de emoção continuam na medida em que é inserido um povo fala,⁶ no qual o público conta quais momentos inesquecíveis marcaram os *Jogos Paralímpicos*. As conquistas, as comemorações

⁶ Técnica de entrevista jornalística feita com várias pessoas.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

emocionadas de atletas e treinadores e as imagens de mais impacto dos *Jogos Paralímpicos Rio 2016* são exibidas durante toda a reportagem.

O VT é finalizado com a seguinte frase do repórter: “A Paralímpiada 2016 foi um sucesso. E deixou de legado: um Rio de lições”, seguida de imagens de alguns atletas, como o mesa tenista egípcio que não possui os dois braços e joga com a boca ou o iraniano do halterofilismo que não possui as pernas e, por fim, o brasileiro Daniel Dias, maior medalhista brasileiro na história da competição. A sensação de comoção atinge os próprios apresentadores que não escondem o impacto das imagens. Assim que se inicia a transmissão do programa no estúdio, Flávio Canto e Cris Dias, que apresentavam o programa no dia, soltam um longo suspiro seguido de um: “Uau, que emocionante!”. A escolha das imagens, a trilha sonora que aumenta o clima enternecedor e o próprio texto do repórter têm a intenção de despertar no telespectador a compaixão por esses atletas, cativando-o por meio das histórias de compaixão. O uso da emoção é uma das características do entretenimento na informação.

158 |

O segundo bloco do programa é totalmente dedicado ao assunto paralimpíadas. O nadador e segundo maior medalhista do Brasil nos jogos, Clodoaldo Silva, está no estúdio para uma entrevista ao vivo com os apresentadores. Ele conquistou 14 medalhas nas competições, sendo seis delas de ouro, quatro de prata e quatro de bronze. O atleta anunciou que se aposentaria após o fim das *Paralimpíadas Rio 2016*.

Antes de iniciar a entrevista, o *Esporte Espetacular* exibe a reportagem *Tubarão da piscina*, que conta a história de Clodoaldo Silva. O VT tem cinco minutos e 31 segundos e começa em tom de despedida, com uma sonora⁷ do nadador emocionado falando sobre a participação em sua última prova que aconteceu no sábado, 17 de setembro, na prova dos 100 metros livres categoria S5.

Mesmo terminando a prova em oitavo lugar, o atleta recebeu um abraço apertado do seu maior fã assim que saiu da piscina: Daniel Dias, o maior medalhista brasileiro em todas as edições dos Jogos. A cena é marcada por grande comoção.

⁷ Termo jornalístico que diz respeito às entrevistas gravadas e utilizadas na reportagem.

IMAGEM 4 – CLODOALDO RECEBE UM ABRAÇO APERTADO DE SEU MAIOR FÃ: O NADADOR E COLEGA DE EQUIPE, DANIEL DIAS



Fonte: Reprodução do Esporte Espetacular exibido em 18/09/2016.

A reportagem segue com mais cenas emocionantes e com uma surpresa feita pelos colegas da delegação brasileira, no dia da despedida. Clodoaldo, juntamente com Daniel, dão uma volta de despedida no complexo de natação, com direito a aplausos e gritos de um público comovido e entusiasmado, seguida de um abraço em família. O 'tubarão da piscina', como foi apelidado, já participou de cinco *Paralimpíadas*, conquistando 14 medalhas na natação, que havia começado como uma forma de reabilitação para Clodoaldo, já que o atleta teve paralisia cerebral, o que afetou o movimento das pernas. Durante a reportagem, imagens de arquivo das competições anteriores são exibidas, atletas e ex-atletas dão o seu depoimento sobre o nadador e a relação de respeito e admiração entre Clodoaldo e Daniel é mostrada.

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

IMAGEM 5 – ENTREVISTA AO VIVO COM O NADADOR CLODOALDO SILVA



Fonte: Reprodução do Esporte Espetacular exibido em 18/09/2016.

160 |

Ao voltar para o estúdio do *Esporte Espetacular*, o nadador conta sobre a importância das seis medalhas de ouro conquistadas nos *Jogos Paralímpicos de 2004*, em Atenas. Segundo ele, foi desde então que o esporte paradesporto passou a ter mais investimento e visibilidade. Clodoaldo também fala sobre a importância da acessibilidade, mensagem deixada durante todos os dias de competição, mas principalmente na cerimônia de abertura, com a escada que se transformou em rampa para que ele conseguisse acender a tocha paralímpica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todo o exposto, o presente artigo conjuga, portanto, os principais pontos intercorrentes. Nesse sentido, é necessário que se entenda que o trabalho pontua aspectos que foram elencados como primordiais após a análise das reportagens exibidas no que se refere à presença do paratleta.

Assim, foi possível extrair da exposição: 1) considerando o tempo dedicado do programa *Esporte Espetacular* ao tema paralimpíada, o espaço para o paradesporto ainda é pequeno no jornalismo esportivo televisivo brasileiro. A *Rede Globo* anunciou que faria a maior cobertura de uma *Paralimpíada*, algo nunca antes realizado. A expectativa era grande, mas a emissora resolveu exibir compactos após a cerimônia de abertura e

encerramento, ao invés dos eventos ao vivo. A *Globo* também ignorou as modalidades esportivas, não exibindo jogos ao vivo nem quando o Brasil era representado na final. Os programas analisados constituíam menos da metade das reportagens dedicadas ao assunto; 2) nas reportagens analisadas há a presença da emoção junto à história do paratleta, uma das principais características do entretenimento (DEJAVITE, 2006) e (PADEIRO, 2013). A emoção esteve presente na seleção das imagens, que causam grande impacto e comoção no telespectador e assume uma estrutura narrativa própria fazendo com que público sinta proximidade e compaixão pelo protagonista; 3) outra característica encontrada nos VTs analisados foi a dramatização, como por exemplo na reportagem *Atleta sírio*. O drama humano esteve presente por meio de histórias de vida surpreendentes e momentos marcantes que prendem a atenção e comovem o telespectador; 4) percebe-se, nas reportagens analisadas, uma terceira característica do entretenimento: a superação. Um recurso utilizado em todas as reportagens, que mostra, utilizando-se da emoção e da dramatização, a habilidade que o atleta paralímpico tem de superar todas as adversidades e obstáculos através do esporte. A superação é o final feliz da narração construída nos VTs analisados que são carregados por histórias emocionantes e mostram que, apesar dos momentos ruins na vida dos atletas, o esporte foi capaz de trazer novas expectativas e uma nova maneira de ver a vida; 5) foi possível notar, também, que a relação do repórter com o entrevistado mostrou-se mais íntima em algumas reportagens, deixando o conteúdo de alguns VTs com predicados amenos e leves, mesmo com histórias de vida tão impactantes e emocionantes.


Todas as reportagens analisadas se beneficiaram de momentos para causar comoção e atrair o interesse do público, mas não deixaram de informar sobre as técnicas das práticas esportivas e as conquistas do universo paralímpico.

Em suma, o que ficou constatado é que a emoção diz respeito ao uso de um recurso com o objetivo de comover o público, tanto positivo como negativamente, como por exemplo, devido a uma tragédia ou uma conquista. Já a dramatização diz respeito ao drama humano presente nas reportagens, recurso que faz com o que público se identifique e sinta uma proximidade com

O paratleta na mídia:

um estudo do Esporte Espetacular nas Paralimpíadas do Rio

a história. Por fim, a superação, que é outro recurso utilizado em quase todas as reportagens mostra, utilizando-se dos dois outros recursos, a imagem que o atleta paralímpico possui, com o desejo de superar todas as adversidades e obstáculos através do esporte.

Assim, espera-se que artigo desperte a atenção para o assunto paralimpíada e, ao despertar, possibilite a inserção de pautas que valorizem o atleta paralímpico em sua essência, sem a necessidade do uso de recursos adicionais como os constatados nas quatro reportagens, oriundos do infotainment. 

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Informação e deformação**: a pessoa com deficiência na mídia impressa. 2000, 113 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

162 |

DEJAVITE, Fábila Angélica. **INFOtenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. Olimpíadas e paralimpíadas: Uma correlação com a mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO JUNIOR, 3., 2006. Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Intercom, 2006.

IKEDA, Augusto Seiji et al. Jornalismo esportivo ou de entretenimento? Análise da diversidade temática nas notícias do portal globoesporte.com. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17., 2012, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/eventos1/congressos-regionais/20121/apresentacao2>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 583-596, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n4/v27n4a07>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

MELLO, Marco Tulio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2012.

PADEIRO, Carlos Henrique. O entretenimento na construção do jornalismo esportivo no Brasil. In: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 6., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 8, n. 22, p. 143-162, jan./jun. 2018

ISSN: 1981-4542